



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES/CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

APRENDIZAGEM HISTÓRICA GERANDO COSCIÊNCIA HISTÓRICA

ARELLE ROSALEE PEREIRA AQUINO

GUARABIRA
2014

ARELLE ROSALEE PEREIRA AQUINO

APRENDIZAGEM HISTÓRICA GERANDO COSCIÊNCIA HISTÓRICA

Artigo apresentado como pré-requisito de conclusão do curso de Graduação em Licenciatura plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, orientado pela Prof^a. Marisa Tayra Teruya.

Guarabira
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e anotação de dissertação.

A657a Aquino, Arelle Rosalee Pereira
Aprendizagem histórica gerando consciência histórica
[manuscrito] : / Arelle Rosalee Pereira Aquino.- 2014.
18 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Marisa Tayra Teruya, Departamento de
História".

1. Aprendizagem. 2. História. 3. Consciência. I. Título.
21. ed. CDD 981

ARELLE ROSALEE PEREIRA AQUINO

APRENDIZAGEM HISTÓRICA GERANDO COSCIÊNCIA HISTÓRICA

Artigo apresentado como pré-requisito de conclusão do curso de Graduação em Licenciatura plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, orientado pela Prof^a. Marisa Tayra Teruya.

Data de aprovação: 25 de Novembro de 2014

BANCA EXAMINADORA



PROFA. MARISA TAYRA TERUYA
Orientadora



PROF. FLAVIO CARREIRO DE SANTANA
Avaliador



PROFA. LUCIANA CALISSI
Avaliadora

Guarabira/PB/2014

Dedico àqueles que acreditaram em mim e que me motivaram a concluir mais uma etapa de minha vida.

E a todos que como eu, enfrentaram e enfrentam tantas dificuldades para conseguirem cumprir com o direito de cursar uma universidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Autor da vida e da minha existência, e sempre tem levantado pessoas para me abençoar, mostrando assim a sua fidelidade para comigo.

À minha família, pai, mãe e irmãos(Aquino, Rosaly, David e Erwin), que têm sempre torcido pelo meu sucesso e realização dos meus sonhos. Ao Valter, meu noivo, que tem se mostrado um companheiro fiel e incentivador. Amo todos vocês.

À minha orientadora, Marisa, que considero um anjo mandado por Deus pois ela foi a pessoa que fez toda a diferença neste processo, dando toda atenção e incentivo que eu precisava. Deus sabe o quanto precisava de você. Professora, muito obrigada! Serei eternamente grata.

Enfim, a todos que torceram pela minha vitória. Muito obrigado!

RESUMO

Todos sabem que antes de chegarmos ao ensino superior temos que ter ingressado em uma caminhada estudantil. Quando esse alicerce é feito de qualquer jeito percebe-se logo de imediato que algo saiu do eixo. Dessa forma ao referimo-nos á disciplina de historia percebe-se que quando não há uma aprendizagem satisfatória todos os benefícios que ela poderia gerar perdem-se em meio do caminho. A aprendizagem histórica tendo um papel fundamental na relação entre aluno e disciplina deve ser viabilizada de uma maneira que amplie a possibilidade de desenvolvimento humano/social do indivíduo. Entre inúmeros benefícios também está a capacidade de cooperar para a formação de uma consciência histórica que quando não alcançada gera indivíduos incapazes de se enxergarem como seres históricos.

Palavra-chave: Aprendizagem histórica, Consciência histórica.

SUMÁRIO

Apresentação	8
A tal consciência histórica.....	9
Aprendizagem histórica.....	10
O lugar do professor	14
Enfim, uma consciência histórica?.....	15
Considerações.....	18
Referências.....	19

APRENDIZAGEM HISTÓRICA GERANDO CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

ArelleRosalee Pereira Aquino

Apresentação

Quando ingressei no curso de história, sentia-me como “um peixe fora d’ água”. Percebia, ao longo das noites em que ia para o curso que, pior do que não conseguir pensar, articular e defender idéias na sala de aula, era a descoberta de que chegara ao ensino superior sem ter um senso crítico sobre tantas questões importantes da minha vida. Ao me descobrir um “ser social e histórico”, constatei que me faltavam aprendizados, e que não tinha uma tal consciência histórica. Isso foi um grande problema.

Passsei mais da metade do curso tentando me adaptar a uma rotina acadêmica na qual não me encaixava, nem me sentia pertencente. Sentia-me envergonhada do quanto estava despreparada para essa experiência. Como participar dos debates se não tinha ou não conseguia expor minhas opiniões, não sabia argumentar, justificar idéias, era tudo muito complicado porque de muitos assuntos que estavam sendo estudados, não tinha nem idéia que existiam, muito menos que fossem relevantes. Fora escolarizada no antigo e vicioso regime do “decoreba”, respostas prontas e acabadas. Eram fáceis, me faziam passar de ano e ainda por cima, a acreditar que era uma boa aluna de História.

Queixo-me do ensino básico. Tantos anos que deveriam ter sido usados para mostrar-me que a História poderia me ajudar a entender minha realidade, e que ela era construída por cada um, no seu cotidiano, e que minha história de vida fazia parte da história da humanidade, e que, ao estudá-la de forma questionadora, poderia tentar entender o meu próprio lugar no mundo.

Sem querer culpar professores. Lembro que muitos deles eram licenciados em outros cursos, o que pode nos levar a perguntar: qualquer pessoa pode ensinar história? Segundo se acredita pelas escolas, sim, porque é uma matéria “fácil”. Doce engano... A forma como se ensina e aprende História acaba se tornando uma forma de dificultar ainda mais o acesso à cidadania que tanto se almeja, conforme consta na Lei de Diretrizes e Bases (1996)

...obriga a respeitar, ao estabelecer como finalidade da educação o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Art.2º). E como Finalidade do Ensino Médio, a consolidação e o preparo básico para o trabalho e a cidadania; o aprimoramento como pessoahumana incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico-tecnológicos dos processos produtivos (Art.35).

A meta que a LDB se propõe a alcançar é algo complexo, levando em conta a realidade do ensino atual. Muitas das experiências que passei quando educanda continuam sendo repetidas nas salas de aula.

Este trabalho consiste em refletir sobre a idéia de consciência histórica a partir de minha própria história e do meu cotidiano docente.

Neste artigo, queremos dialogar sobre a noção de consciência histórica possível para os alunos da educação básica, observando como essa relação entre experiências pessoais e conhecimento escolar tem se desenvolvido.

Está organizado da seguinte forma: primeiramente, a discussão do conceito de consciência histórica e trabalhar alguns exemplos do cotidiano vivenciados ao longo da vida escolar, tanto como aluna como professora e atualmente, diretora de uma escola de ensino fundamental.¹

A tal consciência histórica

A palavra *consciência* tem sido amplamente utilizada². Fala-se da preservação da biodiversidade e do meio ambiente (consciência ecológica), do respeito às diferenças raciais (consciência étnico-racial), preservação do patrimônio histórico (consciência patrimonial) e outros, sempre esperando que esta “consciência” seja sinônima de uma postura positiva e crítica diante do objeto em questão, porque sempre espera-se que “pessoas conscientes” interajam construtivamente no meio em que estão inseridas. A escola está sempre buscando construir alguma consciência no aluno.

No campo do ensino de História, temos presenciado discussões na sala de aula, entre professores e alunos, sobre os motivos pelos quais se estuda História. Questões do tipo: “... para que serve aprender história?”, “qual vantagem isso pode ter para minha

¹ Curso Licenciatura Plena em História, e atualmente trabalho como gestora escolar da EEEF Dr. João Soares, Caiçara-PB.

²Segundo o dicionário, *consciência* pode ser definido como “conhecimento ou sentimentos próprios que auxiliam uma pessoa a perceber o que acontece na sua própria vida”. In:<http://www.dicio.com.br/consciencia/>. Acesso em 23 de setembro de 2014.

vida?” tem atuado como ciladas para os professores, que acredito, lá no fundo, de vez em quando, também se questionam acerca das mesmas perguntas. Argumentam então que estudar história é a forma que temos de entendermos o presente e acertarmos no futuro.

A resposta a estas indagações pode ser encontrada em vertentes historiográficas que entendem a história como o estudo da experiência humana no tempo (...) Essa concepção permite entender que a história estuda a vida de todos os homens e mulheres, com a preocupação de recuperar o sentido de experiências individuais e coletivas. (Thompson, 1981, in SCHMIDT, GARCIA, p. 299)

Neste contexto, o que seria consciência histórica? Quais características este objeto de estudo carrega consigo? E para que serve?

A consciência histórica seria então, a capacidade que um indivíduo adquire de relacionar suas experiências com experiências e fatos transcorridos no passado e dessa forma, se identificar com a história como se a sua própria história de vida fosse uma vertente de uma história global. Para uma melhor compreensão, primeiramente analisamos o processo de aprendizagem histórica, que possibilita a criação de uma consciência histórica.

Aprendizagem histórica

Segundo o dicionário de Aurélio, talvez de uma forma bem comum, *aprendizagem* pode ser entendido da seguinte forma:

tomar conhecimento de algo, retê-lo na memória, em consequência de estudo, observação, experiência, advertência, etc. (Ferreira, 1999 , p.107)

Ainda para melhor compreensão sobre o que seria *aprendizagem* e como ela se dar, citaremos uma das idéias chaves da teoria da Aprendizagem significativa de David Paul Ausubel psicólogo da educação estadunidense.

"Se eu tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria isto: o fato isolado mais importante que informação na aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que ele sabe e baseie isso nos seus ensinamentos".

(Ausubel, 1968, p. 31)

A partir destas definições, podemos entender que este processo ocorre de várias maneiras, podendo passar pelas experiências da vida cotidiana que seria os conhecimentos prévios e processada na vida escolar através das informações adquiridas nas aulas. No que envolve especificamente a aprendizagem na área da História e da

formação de uma consciência histórica, devemos refletir sobre os conteúdos e métodos que levariam os alunos a uma reflexão histórica. (Medeiros, 2005)

Para que haja este desenvolvimento, Maria Olinda Pereira (2007), afirma ser necessária uma compreensão de como se dá essa cognição (conhecimento) histórica, ou seja, na forma de como os professores apresentam os assuntos referentes ao passado, a qual se estrutura em três pilares:

- I conhecimento factual substantivo sobre o passado;
- II Conhecimentos tácitos e cultura extra escolar que alunos e professores trazem para sala de aula;
- III Estratégias metacognitivas.” (ALVES,2007,p.36).

No primeiro pilar, o “conhecimento que se designa de substantivo, em história, abrange todos os conceitos que são utilizados para lidar historicamente com conteúdos históricos, como por exemplo, nação, tratado, comércio, império, revolução, e etc.” (ALVES,2007,p.36). Esses conceitos oriundos de substantivos devem ser observados com cuidado, pois, se bem trabalhados, abrirão um leque de possibilidades de novos conhecimentos históricos e novos conceitos históricos. De acordo com a autora, deve-se estar atento ao fato de que, como ao longo do tempo, os conceitos sobre as questões foram transformando-se, esses devem ser trabalhados de uma forma a não bitolar-se a um só aspecto, abrindo as portas para que haja essa construção entre os alunos. Também aperfeiçoando os conceitos que os mesmos já trazem consigo das suas experiências sociais.

Sobre o segundo pilar, entende-se que

toda investigação realizada na área da cognição histórica, nos últimos, 30 anos, tem demonstrado que os alunos não chegam as salas de aula de cabeça vazia. Trazem consigo idéias baseadas nas suas experiências quotidianas” (Ashby et al., in ALVES, 2007, p. 38)

...Essas idéias constituem-se e incluem vivências pessoais e noções e teorias provenientes do senso comum. Por outro lado, integram, freqüentemente, conhecimento histórico construído em processo dialético com essas vivências pessoais e sociais. Nesse sentido constituem indicadores do conhecimento tácito. (ALVES ,2007,p.38)

Esse conhecimento pré-existente deve ser considerado e utilizado pois é dessa forma que inicia-se a identificação do aluno com a matéria ou seja a união do seu

conhecimento com o conhecimento na sala de aula. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares afirmam que:

Para que uma aprendizagem significativa possa acontecer, é necessário investir em ações que potencializem a disponibilidade do aluno para a aprendizagem, o que se traduz, por exemplo, no empenho em estabelecer relações entre seus conhecimentos prévios sobre um assunto e o que está aprendendo sobre ele. (PCN, 1998)

O terceiro pilar se refere às formas individuais com que alunos conseguem desenvolver seus conceitos sobre a história ou seja a que eles se remetem para alcançar a compreensão de determinado assunto sobre história :

Para entender e tornar inteligíveis os conceitos substantivos, a História recorre à utilização de conceitos de um outro tipo, como a evidência, a causa, a mudança, a explicação, a significância, etc...Constituindo o cerne da disciplina estes conceitos moldam a nossa compreensão do que é fazer História e permitem não só ordenar e tornar compreensíveis os conceitos substantivos como também tornam inteligível a lógica interna da disciplina. (ALVES,2007,p.39)

Esse último pilar pode ser chamado de “meta-histórico”,

que literalmente significa para além da História porque o conhecimento que envolve não é matéria susceptível de ser investigada pelos historiadores. (ALVES, 2007,p.39).

Isso significa que a História, não sendo uma ciência de caráter exato, experimentável, precisa também da utilização de outras áreas como sociologia, antropologia, geografia e outras. Para tornar assim as pesquisas feitas compreensíveis.

Esses 3 pilares mencionados por Olinda cooperam para afirmar que a consciência histórica pode ser consequência da aprendizagem histórica, pois quando os grupos conseguem, através do estudo da história, assimilar e fazer uso das metodologias e conceitos que estruturam-na, demonstram uma certa autonomia e criticidade. E a autonomia está em que o indivíduo é capaz de construir seu próprio conhecimento.

Não pode ser esquecido neste processo de aprendizagem aquilo que ao ser considerado o básico, confere talvez, a base do significado da disciplina de história, que é a relação do homem no tempo e espaço, pois a própria história tem como definição de se mesma ser “o estudo do homem no tempo”³. O aluno obtendo a percepção das mudanças e transformações do espaço no tempo e qual a participação direta ou indireta do ser humano nisto, considerando ele mesmo, pode ser o início de descobertas importantes do aluno como indivíduo consciente de sua história.

Através do que foi citado, compreende-se que uma aprendizagem histórica significativa é aprender o que fazer com as informações adquiridas, o que fazer com as dúvidas que inevitavelmente surgem sobre as questões da sociedade, é aprender como buscar as respostas. É, portanto, entender para que “serve” a “tal” da História.

O significado que o indivíduo remete a esse conhecimento quando estudado estar intimamente ligado com o seu processo de aprendizagem. Ou seja, é uma experiência individualizada, cada indivíduo sendo diferente um do outro encontrará uma utilidade e um significado pessoal para a História. Sendo assim o que se espera da aprendizagem histórica não é que ela padronize a conscientização dos alunos, mas que coopere no desenvolvimento da obtenção da consciência histórica.

Quando o processo de aprendizagem resulta no que foi citado acima, no pensar histórico, é por que existe uma relação entre o que foi aprendido e o que foi utilizado deste aprendizado. Assim quanto mais é utilizado o que se aprendeu, mais consciente o indivíduo mostra que está diante do seu caráter histórico. Vou assim, ousar exemplificar uma situação corriqueira onde podemos ver esse pensar histórico:

Como estamos cansados de saber, nosso sistema político ainda carrega traços de uma política oligárquica, de forma que, se olharmos para as cidades interioranas do nosso país, veremos o quanto a “politicagem”, no seu pior sentido, é utilizada para manipular e encabrestar a população. Vou me valer de dar um exemplo simples (embora o assunto não seja de tal simplicidade). O sistema de “curral eleitoral” presente em muitas cidades é causado pelo quê? Pelas famílias que desde “sempre” detiveram o poder econômico e encontraram dentro da política, um meio de se perpetuarem nesse poder? Ou à população, que sem a educação formadora de opinião e um censo de honestidade se deixa manipular, pensando erroneamente que favores pessoais são as únicas formas de benefício dentro desse sistema, e que, lutar por uma sociedade mais justa e organizada onde os direitos e deveres dos cidadãos podem ser colocados em prática, são impossíveis de acontecer? Até porque não os interessa.

Desses dois motivos, concordaremos com os dois, pois, sabemos que ambas são verdadeiras. Porém, olhemos para um indivíduo na faixa etária de treze anos, criado por pais que sempre dependeram e defenderam esse tipo de conduta, sempre justificaram que sem esses “favores” não conseguiriam sobreviver nessa cidade. Esse indivíduo cursa o 9º ano do ensino fundamental e, a essa altura da vida escolar, se o ensino de história que ele tem acompanhado foi proveitoso e cooperou na sua formação, ele compreenderá que não precisa ser sempre assim, que existem outras possibilidades de viver e que esta

forma de fazer política já devia ter sido ultrapassada, diante dos novos pactos sociais atuais.

Esse menino poderia optar em continuar na tradição de seus pais, talvez até pelos mesmos motivos, a comodidade e a necessidade de sobrevivência, pois morar em uma cidade onde não existe um sistema econômico organizado, onde não existe oferta de emprego para nem metade da população e não se colocar na mesma situação da maioria é quase uma missão impossível que seria depender dos ditos “favores”. No entanto, acredito, poderia agir de forma consciente. E diferentemente do que pensamos as chances desse indivíduo, de em algum momento de sua vida optar por um fazer político diferente, são maiores do que as chances de seus pais, levando em conta que não tiveram a mesma educação.

A formação desse pensar histórico, além de capacitar a uma interpretação da própria realidade, também leva ao indivíduo usar as informações adquiridas no ensino de história no seu cotidiano. Deve-se considerar que dentro desse conhecimento histórico ensinado, são os métodos de pesquisa, que orientam o estudo da História e que cada historiador em potencial (aluno consciente) pode e deve utilizar ou até mesmo criar suas próprias metodologias para que dessa forma seja capaz de construir seu próprio conhecimento.

A história passa a ser um conjunto de prática de resultado e relatório, coerente a partir da atitude do historiador e de sua observação do passado. Sendo assim a aprendizagem de história deve estar acompanhada da aprendizagem do método que a fundamenta. (MATTA, p.56)

O lugar do professor

A aprendizagem da história deve vir com a assimilação de suas metodologias: Está no profissional de história saber fazer a apresentação do “mundo” do historiador ao aluno pois é fundamental existir um conhecimento e afinidade entre eles. O professor é a porta por onde o aluno irá entrar, dessa forma é necessário que além de apresentar as formas e métodos o mesmo tenha a sensibilidade de tornar toda essa experiência algo pessoal. Assim, um bom caminho seria:

Listagem das 4 etapas realizado por historiadores

- 1) formular hipóteses a partir das questões- problemas;
- 2) procurar e investigar fontes e informações;
- 3) interpretar as informações;
- 4) tirar conclusões, ou elaborar uma síntese interpretativa.” (MATTA, p.59).

Percebe-se, pois, o quanto é inútil trabalhar com a história de forma aleatória, de forma decorada. Aprender história é aprender a trabalhar com ela, e mais óbvio que pareça, é ser historiador. É conseguindo quebrar com a errada noção de que pesquisar é um dever só do historiador pesquisador, que conseguiremos cooperar, de forma significativa, para a formação da consciência histórica dos alunos. Essa seria uma das principais “diferenças” entre o historiador considerado pesquisador, dos professores de história e alunos do ensino fundamental e médio, *aprender como trabalhar com e utilizar a história*.

...só será possível ensinar História ao ensinar o trabalho do historiador. Deve se desenvolver no aluno a habilidade de ler o presente, a partir dos questionamentos sobre o passado, desenvolvendo neles o raciocinar e procedimentos de interpretações, conceitualização e conseqüentemente a capacidade de construir representações e significado sobre o passado. (MATTA, ,p.61).

Quando o aluno acessa esse conjunto de metodologias, que observa e pensa sobre suas experiências vividas, que aprende a pensar historicamente é quando podemos dizer que ele possui uma consciência histórica.

Enfim, uma consciência histórica?

De caráter subjetivo, a consciência histórica não tem sido algo a ser perseguido pelos professores que ensinam a disciplina, ora porque este não parece ser um objetivo muito claro, ora porque o próprio currículo obriga ao cumprimento de um programa exaustivo e meramente informativo (quando não a decoreba). É claro que esta construção não se dá somente através do ensino de história nas escolas.

... A consciência histórica é um fenômeno que emerge do encontro do pensamento histórico científico com o pensamento histórico geral. Como tal sua presença pode ser averiguada por meio da análise do cotidiano de suas vidas com o objetivo de apreender as operações mentais que as fazem pensar historicamente... (CARDOSO,2007,p.2)

“(...) A consciência histórica não é produzida exclusivamente na sala de aula, mediada pelo material escolar. Isso levanta a questão sobre a dificuldade de o material escolar contribuir para a produção de consciência histórica, capaz de disponibilizar a partir de um passado incorporado ao senso comum dos jovens alunos. (...)” (MEDEIROS, 2005,p. 85)

Ter consciência da existência de fatos históricos não é o mesmo de ter consciência histórica. Saber sobre fatos históricos, somente faz ver uma história superficial, ou seja, o período que ocorreu, quem foram seus participantes, e outras

informações por diante, um saber livresco enfim. A consciência histórica por sua vez, capacita a ir além, faz ler os fatos de uma forma que eu consiga me entender nessa conjuntura, me ajuda a fazer interpretações diante dos acontecimentos, a reconhecer as heranças deixadas por meus ancestrais. A consciência histórica me fornece um endereço no mundo e me permite vislumbrar caminhos para seguir.

Segundo Daniel Hortêncio de Medeiros,:

Trata-se [a consciência histórica] de uma consciência do passado que possui uma relação estrutural com a interpretação do presente e com a expectativa e o projeto do futuro (MEDEIROS,2005, p01)

Para Rusen (segundo Medeiros, 2005), tal consciência é estrutural, ou seja, o passado estrutura a compreensão do indivíduo da existência do presente e assim nos leva a planejamentos coerentes do futuro. Percebe-se, que a formação da consciência está intrinsecamente ligada à vida cotidiana social, à noção comum que os indivíduos têm de presente, passado e futuro. Por essa causa, o ensino de história, no ofício de construir esse caráter historicamente consciente, deve levar em conta as experiências que envolvem os grupos em questão, pois sem envolver suas histórias pessoais impossibilita tal desenvolvimento. Um desenvolvimento que disponibiliza ao ser humano a compreensão da temporalidade da sua história, o levando a entender quem ele é, por que ele é e o que foi. Além da interpretação e utilização do aprendido, ela leva o indivíduo a uma experiência mais íntima com a história, podendo assim experimentar o passado estudado mesmo não tendo vivido naquela determinada época, pois há uma identificação com ele.

De que forma essa consciência histórica gerada pela aprendizagem pode contribuir nesta sociedade atual? Voltando aos textos de Maria Olinda Pereira Alves:

Na sociedade actual, consumista, global, adepta do dinheiro, da aparência e do efêmero, ávida de acontecimentos e de informação, mas vulnerável perante a manipulação dessa mesma informação e a proliferação de versões, contraditórias, sobre a realidade é necessária uma sólida formação social e cívica, orientada por uma perspectiva fundamentada, analítica, aberta à informação plural. Essa sólida formação pode, e deve estruturar-se, com base nas ferramentas cognitivas e processos mentais que podem e devem ser desenvolvidos pela História. (ALVES,2007,p.30)

Veríssimo partilha desta posição acrescentando que é por isso que a disciplina de História tem um papel decisivo no currículo. Esse papel foi reconhecido pela Conferência Permanente dos Ministros Europeus da Educação, realizada em 1997, que concluiu o seguinte:

O ensino da História pode e deve ter uma importante contribuição para a educação em geral e, em particular, para a educação para a cidadania democrática permitindo aos jovens:

- i. Aprenderem acerca da sua herança histórica, bem como a de outras pessoas e nações;
- ii. Adquirirem e praticarem técnicas fundamentais, tais como a capacidade de pensarem por eles próprios, a capacidade para tratar e analisarem de forma crítica diferentes formas de informação e a capacidade de não se deixarem influenciar por informação preconceituosa e por argumentos irracionais;
- iii. Desenvolverem atitudes básicas tais como a honestidade intelectual e rigor, um julgamento independente, uma abertura de espírito, a curiosidade, a coragem civil e a tolerância (Veríssimo in ALVES, 2007, p.30, p.31)

Do dito na citação acima, pode-se afirmar que o nosso sistema escolar está distante destes ideais, e não precisamos realizar pesquisas profundas para percebermos isso. Como diz Rosa Maria Godoy Silveira:

Mas falta uma perna, que deixa manco o processo: os valores que quer transmitir e com os quais fazer o(a) educando(a) refletir sobre a contextualização sociocultural e as mobilizações possíveis dos conhecimentos aprendidos. A perna que falta, sustenta os objetivos atitudinais. (Silveira, 2008, p.13)

Pode-se pensar no que tem faltado para o cumprimento dessa aprendizagem de qualidade. Já foi dito nesse trabalho inicialmente que uma das características da consciência histórica é basicamente colocar o aprendido em prática. E o que falta é isso, a prática, o uso da consciência histórica no cotidiano. Ou melhor, fazer o aprendido tornar-se consciente quando aplicado na vida.

A história é uma matéria que precisa ser aplicada na leitura do mundo e não figurar como um saber enciclopédico. Essa premissa tem sido negada nas salas de aula, e desta forma, negligenciado competências e habilidades que precisam ser desenvolvidas, do tipo criticar, interpretar, produzir textos analíticos, estabelecer relações entre continuidade/permanência e ruptura/transformação nos processos históricos, comparar problemáticas atuais e de outros momentos históricos entre outras. (PCNs 1998.)

A falta de reflexão sobre os temas estudados, a falta da provocação de um espírito questionador, tem engessado a capacidade crítica dos educandos. Não é só expor “conhecimento factual substantivo” (Olanda, 2007, p.36), é também mostrar como eles vão cooperar hoje se for dado ao conhecimento a devida importância, também deixar claro que o passado é tão importante quanto o presente, sempre estarão interligados. Ou seja, o passado não é importante só por nos fazer entender o presente, ele é importante pelo que ele é, sua individualidade é única e nunca será possível fazê-lo voltar a ser o presente. Assim, quando não existe essa compreensão, podemos voltar á Medeiros e refletir em sua

afirmação quando diz que *um homem sem consciência não é propriamente um doente, mas alguém que não reflete sobre sua existência*. (MEDEIROS,2005,p76).

Para além da dificuldade de, na maioria das vezes, os alunos não se verem dentro das histórias narradas, existe uma outra, que consiste em como obter essa consciência na nossa época contemporânea pós-moderna. Segundo Medeiros:

as perspectivas da pós-modernidade afirma que o *modus vivendi* contemporâneo não se prende mais a qualquer modelo ou orientação histórica não podendo mais a história como ciência exercer um papel de significação para a vida prática.(MEDEIROS, 2005,p.7).

Isso se dá ao caráter desprezado do passado dessa sociedade, característica que se herda da própria modernidade. Foi nela que se desenvolveu uma cultura voltada ao novo;

Aliás este movimento fundamentado na negação da tradição e no culto da novidade está na essência mesma da própria modernidade..." (MEDEIROS,2005,p.8).

É em meio à negação das tradições e da desvalorização do passado que os grupos estudantis também estão inseridos. Por esse motivo, também a história como ciência deve ter como principal interesse construir uma consciência voltada para ela mesma, de forma que haja assim a compreensão de sua importância.

Considerações

Sem a consciência histórica, o ensino de história servirá apenas para informar sobre fatos passados e não para cooperar com a formação crítica política-cidadã dos indivíduos. No início deste artigo foi citado que existem formas variadas de consciência, ou seja, pode-se ser consciente em vários aspectos da vida, e como já foi dito esse processo não está preso somente a sala de aula, porém acredito que o Ensino de História pode e deve cooperar com essa construção, do aluno com suas experiências e a História como ciência humana, esclarecendo um pouco mais a importância de estudá-la e como estudá-la.

É, pois, tarefa dos professores de história, favorecer um ambiente propício ao surgimento dessa consciência, que deve ser trabalhada a partir de posturas e métodos que agucem a vontade dos alunos de buscarem o conhecimento. As escolas devem ter como prioridade formar indivíduos que se sintam capazes de interagir com o meio onde estão inseridos.

As normas e regras da LDB têm tentado balizar o sistema Educacional brasileiro digo tentado, pois, ela se coloca de uma forma não tão detalhista (diferente da maioria das leis brasileiras) isso amplia a liberdade com que os estados e municípios brasileiros se organizam referente à como “educar”. Considero essa característica da Lei de Diretrizes e Bases positiva, realmente cada estado e município vive uma realidade individual. Porém percebo que fica solto o fato de como fazer a educação que a LDB propõe, ou seja, se sabe para onde ir mas não como ir.

Apesar de todas as dificuldades que as escolas têm enfrentado nesta tarefa, de os próprios professores, muitas vezes, também não terem claro este objetivo, é para este fim que devemos trabalhar na esperança de vivermos numa sociedade mais humana.

Referências

MEDEIROS, Daniel Hortêncio de. **A formação da consciência histórica como objetivo do ensino de história no ensino médio: o lugar do material didático.** Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, ano 2005.

AIVES, Maria Olinda Pereira . **Concepções de alunos e professores sobre a Significância histórica.** Dissertação em Mestrado em Educação. Universidade do Minho Instituto de Educação e Psicologia , Braga/Portugal, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio o dicionário da língua portuguesa século XXI ;** ED. NOVA FRONTEIRA, ano 1999 .

SCHMIDT ,Maria Auxiliadora Moreira dos Santos, GARCIA, Tania Maria F. Braga. **A formação da Consciência Histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História,** *<http://www.cedes.unicamp.br>)

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy- **introdutória do livro, História ensinada: Linguagens e abordagens para a sala de aula.** ED. IDEIA ano 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).** Ensino Médio. Brasília: MEC/SEMTEC.2002.

ALVES, Ronaldo Cardoso -**“Consciência Histórica e Cultura Escolar: um estudo das especificidades que atuam na construção e aplicação do conhecimento histórico”.**

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA– 2007

(<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Ronaldo%20Cardoso%20Alves.pdf>)